

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM JÚLIA TORRES DUARTE CORRÊA

Júlia Torres Duarte Corrêa, esposa do professor Geraldo Corrêa, frequentava o campus desde muito jovem, pois namorava com o futuro esposo quando ele ainda era aluno, no final da década de 1920. Participava ativamente das atividades filantrópicas da associação feminina, que, sob sua gestão, passou a ser denominada Associação Feminina Effie Rolfs, em 1936.

Ficha técnica:

Data da entrevista: 18/09/1987.

Duração: 26 minutos e 18 segundos.

Local: Residência da entrevistada.

Participação: Marieta (irmã)

Entrevistadora: Lujan Chagas.

Transcrição: Thiago Vitorino Teixeira

Revisão da transcrição: Gustavo Soares Sabioni

Revisão gramatical: Pollyanna Souza Pereira

Revisão Geral: Eduardo Luiz dos Santos

Viçosa - MG

2026

Diálogo:

Lujan: A senhora pode comentar, quando foi que a senhora disse do prédio da construção...

Júlia: A fundação, a criação, aliás, deste Museu se deu em um momento muito feliz, sobretudo para nós que vimos a Escola crescer. Eu, por exemplo, que sou nascida aqui, que fui menina aqui, que fiquei entusiasmada, eu vi o entusiasmo do meu avô, coronel Torres, quando ele dizia que o doutor Arthur tinha trazido uma Escola formidável para Viçosa, e que a reta ia ser uma coisa fantástica. Então, de tarde, nós vínhamos a família brincar aqui na Escola. A gente brincava dentro dos alicerces, era enorme, nós corríamos lá dentro, era muito bom. Então, a fundação deste Museu traz de volta o passado para nós, uma coisa que só existia dentro da gente. No entanto, vocês evocam tudo. Vendo o retrato de dona Effie, eu fiquei comovida. Eu convivi com dona Effie, convivi muito com o doutor Rolfs, com Clarissa. Clarissa era muito amiga do meu marido, do meu noivo naquele tempo, professor Corrêa, tanto que nós os convidamos para ser padrinhos da nossa filha, Mabel.

Era uma época maravilhosa. Talvez naquele tempo fosse melhor do que hoje. Nós éramos uma grande família, todo mundo sabia das dores de cada um e cada um partilhava das dores dos outros. Então, se um fazia [...] ¹, todo mundo estava lá. Se um adoecia, todo mundo estava lá. Eu me lembro quando João Alfredo de Bello Lisbôa, nasceu, da agonia da Biruru ² [...] ³, é como se o passado estivesse voltando. Não há esforço nenhum. Dona Germana, o internato, aquele refeitório antigo. Eu, logo que me casei, o doutor Bello é que mandou comigo preparar a casa do doutor Humberto Bruno, para nós virmos do Rio, pois eu morava no Rio. E a casa, a nossa casa não estava desocupada. Então o Bruno levou uma roupa de cama muito bonita e arrumou nosso quarto e nós entramos na casa, ele já então meu marido, e o doutor Bello fez aquela festa, aquela recepção tão bonita pra gente. Foi no dia 22 de setembro de 1934. Primeiro dia que nós pusemos o pé aqui, casados. No dia 22 de setembro, tinha a festa da água. Quase que eu lembro a roupa que eu vestia naquele dia. Foi muito bonito. Foi um dia maravilhoso de chegar, fico comovida de lembrar e gostaria que meu marido estivesse vivo, porque ele era entusiasta dessa Escola, que era demais da conta. Ele gostava muito daqui.

¹ Trecho inaudível.

² Apelido da esposa de Bello Lisbôa, a senhora Maria do Carmo Bello Lisbôa.

³ Trecho inaudível.

Lujan: E esse logo aqui, né?

Júlia: Ele, justamente. Ele está jovem, Carneiro. Aqui está o Matoso. Esse aqui é o Andersen, que fabricava filmes maravilhosos. Esse era Jurema, que era auxiliar do Corrêa.

Lujan: A gente olha assim e vai lembrando, não é?

Júlia: Aqui é o Snipes. Snipes, doutor Snipes. A senhora dele se chamava dona Patrícia. Era muito minha amiga. Ela morava pertinho de mim. Tinha uma filha chamada Têti. Aqui é o Otávio Drummond, casado com a [...] ⁴ Meu Deus, a gente vai se lembrando. Aqui está o Carvalho. Zé Cândido. Zé Cândido casado com a... eles estiveram muito tempo nos Estados Unidos, em Purdue, quando ela voltou, voltou falando um português muito puxado, entendeu? Mas ele era muito competente em trabalhar. Ali está o Vanetti. O Vanetti eles moraram também muito perto de nós. Com esses aniversários, olha como eles estavam felizes. Como era bom aqui. Aqui está o Dr. Lana, que foi meu vizinho. O Erly Brandão, também me lembro do Edgard de Vasconcelos. Esse era viçosense. E aqui o Edson, jovem ainda. O Quintiliano de Avelar Marques. É João Quintiliano de Avelar Marques. Ele é muito bom. Aqui está o Diogo, o Diogo de Mello, casado com a Irene. Hoje eles estão acho que vivendo no sul. Emerick, que morava lá de frente. O doutor Emerick, casado com a dona Julia. Que quando foi para a guerra, ele foi chamado... Ele foi chamado, disse a empregada dele. O doutor Emerick foi chamado pelo Hitler, para trabalhar lá. Dona Julia saiu com as crianças. Valter e a menina Marguerite. E eles foram embora. Foi um vazio tremendo. Mas ele não estava jovem, ele estava muito mais velho. E esse aqui é o Jardel. Esse eu me lembro quando ele morreu. Sempre formal. Esse, professor Antônio, foi casado com uma de minhas primas, a Ritinha Duarte.

Lujan: Dona Ritinha é viva ainda?

Júlia: Não sei. Porque eu estou em Belo Horizonte. E eles estão aqui. O Pavageau, eu sei. A Irene, a senhora dele, eu sei. De vez em quando ela aparece. Cá está o Dorofeeff. Onde vocês vão fazer...

⁴ Trecho inaudível. Minutagem: 04:41

Lujan: A sede, né?

Júlia: Era uma pessoa muito alegre. Muito bem-humorada. Dava boas gargalhadas. Ele era muito interessante, o Dr. Dorofeeff. E não tem o retrato do Titoff?

Lujan: Não.

Júlia: Um colega dele. Ambos vieram da Rússia, fugidos da revolução. E ele costumava... Titoff costumava contar o seguinte. Que quando ele saiu da Rússia, na revolução, ele deixou a mãe dele vestida com sacos de linhagem. Ela disse: “Vai, meu filho, que ao menos vocês vão ser livres.” Titoff. Veio Titoff, vieram Titoff e Dorofeeff juntos. Eu não me recordo agora do Titoff, em que ele trabalhava. Dorofeeff, eu sei. Era química. Falava mal o português. Então, tinha várias anedotas que o meu marido contava. Sobre o português que eles ensinavam para Dorofeeff e Titoff. Aqui o Carvalho Araújo, casou-se com a Etelvina. Ele morou naquela última casa da fotografia, aquela última que tinha em cima. Hoje não existe mais essa casa.

Lujan: Não, as casas foram demolidas, não é?

Júlia: Sim, Secundino.

Lujan: Eu não consegui fazer uma entrevista com ele. Ele já estava doente. Aí não foi possível fazer. Nós temos um pedacinho com ele, o professor Marcondes conseguiu, sabe? Entrevistá-lo.

Júlia: Sim.

Lujan: Três anos atrás. Eu até ia para São Paulo para entrevistá-lo, mas ele já estava doente, não tinha condições.

Júlia: Lá está a sede, a paineira.

Lujan: Dona Júlia, e a Semana Feminina, e da Associação Effie Rolfs também?

Júlia: Eu participei da fundação da Associação Effie Rolfs. Nós nos juntamos, tinha a Celeste de Mello. Não, dona Effie já não estava mais nesse tempo. Nós demos o nome de Effie Rolfs, que era uma homenagem a ela. Mas, a Memorina, a senhora do... Petita⁵? A senhora de Santana, José Santana.

Lujan: A dona Conceição. Aparecida, dona Aparecida.

Júlia: Aparecida, exatamente. Aparecida, Celeste, eu e Clarissa...

Marieta: Aquela que depois morou na sua casa?

Júlia: Mas, essa já foi... A fundação não foi. A fundação, nós fomos muito poucas que fundamos. Nós fomos muito poucas que fundamos. E a Memorina, Marieta, a Memorina era muito entusiasmada, e Celeste também. Então, nós começamos com a Associação. A gente fazia roupas, ajudavamos os operários, fazia Natal. Era um entusiasmo fora do comum.

Lujan: E as festas também. O pessoal conta muito dos bailes. Até na entrevista do doutor Edson, ele falou sobre os bailes.

Júlia: Os bailes não eram. Eram bailes suntuosos, que a gente fazia toaletes maravilhosas para ir. Eram bailes mesmo, de verdade. E, depois, com muita seleção. Não seria como hoje. Era muito selecionado. Muito. Os bailes eram bailes que ficavam, a gente esperava por eles, sabe? Com entusiasmo.

Lujan: No jornalzinho da Seiva, eu tenho alguns aí, ainda traz alguma coisa sobre esses bailes. Mas, assim bem depois, não é? Na década de 40.

Júlia: A formatura, já tinha uma solenidade. Uma solenidade majestosa.

Marieta: Era no Salão Nobre.

⁵ Nome sugerido. Minutagem: 10:30

Júlia: E todo mundo se vestia com a mesma vestimenta. Foi muito bonito. Muito bonito. Eu comecei a tomar parte. Depois, já na formatura do meu marido, eu não vim.

Lujan: Não era de praxe vir.

Júlia: Eu não vim. Depois que eu me casei é que eu comecei a frequentar todos os bailes, que ele gostava de festas. Ele tinha uma adoração pela Escola. Eles se chamavam os esavianos: “Nossos espíritos esavianos não morrem”. Eu não sei se hoje ainda existe essa coesão de ideal, aquele idealismo que havia na Escola.

Lujan: Eu acho que entre a turma da agronomia, até que existe. Sabe esses cursos de agronomia? É um curso mais tradicional. Agora, dessa turma que estuda à noite, mais da parte das ciências humanas, não sei, porque muitos trabalham, só vêm à noite, a gente não sente isso.

Júlia: Quando eles falavam espírito esaviano, isso aqui era um respeito. A gente vivia com dinheiro e sem dinheiro.

Marieta: A primeira condição era honestidade.

Júlia: Honestidade. E amor à Escola. O dinheiro pouco importava. Contanto que a instituição sobreviva a tudo.

Marieta: Isso acabou, não acabou? Eu acho que acabou.

Lujan: Muito, pelo menos....

Júlia: O que importava era a instituição. O doutor Bello fazia fortes apelos para esse espírito esaviano. De modo que mesmo nós, as mulheres, éramos todas imbuídas desse espírito esaviano. A gente se julgava quase como se fosse. Nós éramos corresponsáveis pelo progresso da Escola. Então não tinha crise financeira, não tinha nada que abalasse esse espírito. Parece que a gente suportava tudo com benefício, em prol do progresso da instituição. Agora, acho maravilhosa a ideia do Museu e estou pronta para colaborar. Agradeço muito a você

Lujan: Nós é que agradecemos.

Júlia: Por ter pensado que eu poderia falar alguma coisa. Para mim são recordações, recordações maravilhosas.

Lujan: A senhora que viveu aqui, teve toda essa experiência, acompanhando o marido na...

Júlia: Todos os meus quatro filhos nasceram aqui. Todos eles nasceram aqui. São esavianos de verdade. O Joaquim nasceu, a Mara, a Mabel e o André. Todos nasceram e brincaram. É tanto que as crianças aqui...

Marieta: A casa tinha uma pontezinha que atravessava para entrar na casa.

Júlia: As crianças não sabiam nem xingar. Elas eram tão preservadas aqui que, quando havia uma briga, elas falavam: “Ô Carroça”. Ninguém sabia. Era uma coisa maravilhosa. Tinha uns meninos do Dr. Dorofeeff do lado, mas já posteriormente, porque antes era o Dr. Moojen, da Emília. O Dr. Moojen era ornitologista, se não me engano. Não era fitopatologista, era ornitologista.

Lujan: Mais na parte da Zoologia, não é?

Júlia: É.

Lujan: Eu acho que uns dois anos atrás, quando eu fui lá na Zoologia, na Entomologia.

Júlia: É, Entomologia.

Lujan: Eles tinham um museu lá. Então, ele tinha falecido naqueles dias. Acho que uns dois anos atrás. Dois e pouco.

Marieta: Ele era tão bonito, num é, Julia?

Lujan: Foi o professor. De anatomia, fisiologia.

Júlia: Olha o Braga.

Lujan: O professor Braga.

Júlia: Esse aqui é o Diogo.

Lujan: O professor Braga, nós conseguimos. O filho dele, o Carlos Alberto, doou também alguma coisa para nós, sabe? Óculos, caneta, diploma, recorte de jornal. Ele chegando dos Estados Unidos. Passaporte dele.

Júlia: Ele era uma alegria de pessoa.

Marieta: É Braga?

Lujan: Morreu muito jovem.

Júlia: Foi.

Lujan: Aulas do mês feminino. Aqui tem alguma coisa do mês feminino.

Júlia: Essa é a senhora do...

Lujan: Nós ganhamos uma fotografia dentro de um baile. A dona Stela reconheceu muita gente. Nu, foi tão interessante.

Júlia: Esse aqui tinha mais gente de fora do que gente do lugar.

Lujan: É o mês feminino, né?

Júlia: Esse curso eu não fiz, era de apicultura. Eu fiz culinária, com [...] ⁶ Ele veio dar o curso. O mês todo eu fiz o mesmo curso, porque eu não entendia nada de cozinha.

Lujan: Aí está a Hilda.

Júlia: Hilda.

Lujan: A Dona Nenita está aqui.

Júlia: A Nair era bibliotecária. A Aidê, que trabalhava na Secretaria. A Otília, que também trabalhava na Biblioteca. Esse aqui era contador.

Lujan: José Basílio.

Júlia: Aqui é o Barreto. Ah, o Cassiano, que era porteiro da Escola. Duarte Tafuri. O pessoal da Secretaria. Duarte Tafuri. E o José Sant'Anna. Interessante. E aqui é o refeitório. O pessoal do refeitório. Olha.

Marieta: O retrato está muito nítido. Ver se eu conheço alguém aí.

Lujan: Conhece a dona Léia, do Schlottfeldt.

Marieta: A Léia.

Lujan: Ninita.

Júlia: Ninita. Ela era casada com o Chiquito Fortes. É aqui o Cassiano. O célebre Cassiano.

Marieta: Esse eu lembro, que eu sou madrinha de uma filha dele.

Júlia: Ah, o Rubens Raposo.

⁶ Nome não identificado. Minutagem: 17:14

Lujan: Esse aqui é o Sr. Guerra. Tem umas pessoas que a gente... A fisionomia mesmo. É fácil de identificar.

Júlia: João Torres.

Lujan: André, está com vontade de sentar? Tem uma cadeira lá dentro. Então senta aqui do lado.

Marieta: Esse álbum é daqui mesmo?

Lujan: Esse álbum era da dona Hermengarda. Ela deu para a Sá Lica. Aí a Sá Lica me deu, deu ao Museu. Fui catando as coisas.

Marieta: Eu tenho um igual.

Júlia: Esse que eu falei que ia mandar para você. Esse está muito completo, né? Nénfis. Gente, pelo amor de Deus, ele tava jovem ainda.

Marieta: Ele era bonito.

Júlia: Demais.

Marieta: Quando nós íamos ver esse menino, nós ficávamos doidas com a beleza dele. Ficávamos disputando qual era que ia ter aula com ele. Eu com 17 anos.

Júlia: Olha o Alencar aqui. Briquet. Raul Briquet. De todas eu me lembro. Muito. Jamil, olha o Gontijo, Gouveia, Wilwerth.

Lujan: A Celma Alvim. Acho que era a sobrinha do Gouveia.

Marieta: É?

Lujan: É uma crítica de arte de Belo Horizonte. Você já deve ter ouvido falar nela. Escreve no Estado de Minas.

Júlia: Eu não sei se ela é sobrinha dele.

Lujan: É do Gouveia, gente? Não deve ser do Gouveia.

Júlia: Deve ser do Paulo Alvim, não?

Lujan: Não. O Paulo Alvim, não. Eu sei que eu tirei a cópia disso que me fotografaram. E mandei, ela pediu, ela esteve aqui ano passado. Esse Nello Rangel.

Júlia: Nello Rangel é um médico.

Lujan: É. O filho, nós fizemos esse ano, não sei se você viu. O Nello Nuno. Em homenagem ao filho dele. Falecido já há 10 anos.

Júlia: É o Nuno.

Lujan: Então, fizemos um salão de artes plásticas.

Júlia: Raymundo Faria, que ainda está aí.

Lujan: Ele também deu uma entrevista muito boa. Lembrava de datas, de dias. Impressionante a memória dele.

Júlia: Osmane. Osmane.

Marieta: Interessante, né?

Júlia: Ademar de Barros. Snipes. [...] ⁷ São os mesmos, né?

Lujan: É.

⁷ Incompreensível. Minutagem: 22:57

Júlia: José Monteiro.

Lujan: Esse tem um filho aqui.

Júlia: Quem?

Lujan: Esse não era casado? Com a... Aidê.

Júlia: Com a Aidê.

Lujan: Tem um filho aqui, que dá aula no Coluni.

Júlia: Aqui é o marido dela.

Lujan: Exatamente. Eles estiveram aqui no fim do ano.

Marieta: Como é que chama o filho?

Lujan: Jurema⁸.

Júlia: Jurema.

Lujan: De vez em quando eu vejo esse pessoal lá no baile do ex-aluno. De vez em quando eu vejo.

Júlia: Meninas. Mari, Mabel.

Lujan: Trinta, trinta e cinco anos de formado. Trinta, quarenta, né? Aí tem o baile do ex-aluno, que é muito bom.

Júlia: Quando Corrêa fez vinte e cinco anos.

⁸ Nome sugerido. Minutagem: 23:40

Marieta: Você ainda não achou o retrato dele aí, achou?

Júlia: Já. Quando Corrêa fez vinte e cinco anos de formado. Não, vinte e cinco não.

Marieta: Bodas de prata?

Júlia: Que eu trouxe. Não, Mari e Mabel vieram debutar aqui, as meninas. As gêmeas dançaram o primeiro baile aqui na Escola. Bodas de prata do Corrêa. Não podia ser. Quarenta anos de formado. Aí eu tenho essa fotografia. Esse é o veterinário. Mário Machado. Olha aqui. Que coisa. Veterinária, ali a Agronomia.

Lujan: É muita gente que passa por aqui.

Marieta: Vamos ver seu álbum, hein, Davi?⁹.

Lujan: Davi está se formando quando?

Júlia: Eu me lembro muito bem. Nossa Senhora. A gente ficou entusiasmada com o avião.

Marieta: Que passou aqui.

Júlia: É. No dia da malograda no coração do campo de aviação. Tocou a pista de avião, entrou o cidadão americano de grande projeção. E tinha um paulista também no meio que morreu. Foi uma coisa horrível. A pior sensação que você pode ver é você ver o avião, você dar adeus e a pessoa entrar, porque todo mundo vai ver o avião levantar pra voo. E quando ele virou, foi uma curva muito pequena.

Marieta: Foi quando eles tiraram o morro depois, né?

Júlia: Ele bateu nele. Pegou fogo. Pegou fogo e aquela correria. Uma sensação tremenda.

⁹ Criança presente na sala.